

## **GT – 01 Práticas docentes e Profissionalização de Professores**

### **CULTURA ESCOLAR E DOCENTE: uma abordagem na perspectiva colaborativa**

Maria Ozita de Araujo Albuquerque

*A cultura vive um processo ativo, contínuo, vivo, por meio do qual as pessoas criam e recriam o mundo em que vivem.*

OLIVEIRA

As reflexões aqui apresentadas são resultado de uma pesquisa colaborativa que realizamos com nove professoras (por opção delas, aqui identificados com o nome de flores) das séries iniciais da rede pública e privada de Parnaíba, desenvolvida no Programa de Pós-graduação, Mestrado em Educação, da Universidade Federal do Piauí.

No contexto da escola e no desenvolvimento de seu currículo, as práticas colaborativas entre seus membros podem ter um papel relevante e decisivo. A força destas práticas está no desenvolvimento de um currículo de forma contextual e natural. Conforme análise de Lima (2002, p.8), a colaboração não encontra uma justificativa em si própria “[...] ela é um meio para atingir um fim mais nobre; uma aprendizagem mais rica e mais significativa dos alunos”.

Segundo o autor, isto não se concretizará se os professores não desenvolverem o currículo coletivamente de forma eficaz e flexível na efetivação de uma aprendizagem significativa. Assim, o referido autor (2002, p.8) afirma que “[...] as verdadeiras culturas de colaboração no ensino serem incompatíveis com modelos curriculares padronizados e centralizados”.

O estudo da cultura escolar e docente é muito complexo, visto que o conhecimento, os valores, as normas e a forma de comportamento de seus integrantes se organizam de diversos modos, existindo no interior da organização escolar uma acentuada heterogeneidade, que compreende diversos níveis de ensino, escalões

salariais, níveis etários de alunos, conteúdos curriculares, localização de escolas, status, recursos disponíveis, condições de trabalho. Assim, afirmamos que, no interior das escolas, existem diversas subculturas. Na visão de Lima (2002, p. 25), as culturas dos professores se diferenciam “[...] não só entre escolas, como também entre grupos de professores de cada escola”.

Diante do pluralismo cultural, hoje, dificilmente reconhecemos uma cultura que não esteja intimamente ligada às outras. Diante deste contexto, Gadotti (2000, p.42) diz que: “[...] a escola não deve apenas transmitir conhecimentos, mas, também, preocupar-se com a formação global dos alunos, numa visão onde o conhecer e o intervir no real se encontrem. Mas, para isto, é preciso saber trabalhar com as diferenças [...]”.

A escola precisa respeitar a diversidade cultural de seus alunos, deixar de cultivar o passado, de impor certos modos de conduta, pensamentos e relações próprias de uma instituição que se reproduz a si mesma, independentemente das mudanças radicais que ocorrem ao seu redor.

A definição de cultura é sistematizada por diversos pesquisadores, destacaremos, em seguida, alguns dos significados que identificamos na literatura. Gadotti (2000, p.17) afirma que cultura é: “[...] um conjunto de significados, expectativas e comportamentos compartilhados por um determinado grupo social, o qual facilita e ordena, limita e potencia os intercâmbios sociais, as produções individuais e coletivas dentro de um marco espacial e temporal determinado”.

Nesta perspectiva, cultura é resultado da construção social, que se expressa em significados, valores, sentimentos, costumes, rituais, instituições e objetos que circulam a vida individual e coletiva da sociedade. Por isso viver uma cultura é reinterpretá-la, reproduzi-la e até transformá-la.

A área da educação passou a utilizar o conceito de cultura escolar a partir de 1970, trazendo uma grande contribuição, já que possibilitou analisar a organização escolar para além da racionalidade técnica e organizacional, propondo, sobretudo, que esta análise deve ser feita com base em uma racionalidade político-cultural. Oliveira (2003, p. 294), citando Forquim, diz que cultura escolar “[...] refere-se aos conhecimentos, saberes, materiais culturais (cognitivos, simbólicos) que uma comunidade define como objetos de estudos, de ensino, para seus membros, num determinado momento histórico e social”.

A escola é uma instituição de cruzamento de culturas, deve juntamente com seus docentes construir uma pirâmide intercultural ampla e flexível que oportunize a integração de valores, idéias, tradições, costumes, assumindo a diversidade, a pluralidade, a reflexão crítica e a tolerância. Neste sentido, segundo Pérez Gómez (2001, p. 77), “[...] a finalidade prioritária da escola deve ser fomentar e cuidar da emergência do sujeito”.

O autor diferencia as diferentes culturas que perpassam a vida escolar em: crítica, social, institucional, experiencial e acadêmica. A cultura crítica se define como o pensamento que se transforma continuamente e se aloja nas disciplinas científicas, nas produções artísticas e literárias, na especulação filosófica, na narração histórica, como um dos eixos na vida da escola; a cultura social refere-se à ideologia cotidiana que perpassa e se instala no cotidiano da escola e corresponde às condições econômicas, políticas e sociais da pós-modernidade; a cultura institucional é entendida como o conjunto dos aspectos da organização da instituição escolar, da cultura dos docentes e do seu desenvolvimento profissional; a cultura experiencial está relacionada à plataforma cognitiva, afetiva e comportamental de onde partem os alunos para assentar as explicações que têm ao constatar os conhecimentos (fatos, conceitos, procedimentos, atitudes) sobre a vida natural e social no ambiente escolar. O autor entende como cultura acadêmica a seleção de conteúdos que são trabalhados na escola.

Cada escola possui sua própria forma de pensar a formação do educando, que identifica e dá uma forma ao comportamento de seus membros. A forma de sua organização é percebida e incorporada por seus membros simultaneamente de forma consciente e inconsciente.

São grandes as influências que a escola exerce sobre os indivíduos. Sua cultura específica reproduz, muitas vezes, seu reflexo de forma explícita e implícita. Desta forma, para Pérez Gómez (2001, p. 13), “[...] entender a cultura institucional da escola requer um esforço de relação entre os aspectos macro e micro, entre a política educativa e suas correspondências nas interações peculiares que definem a vida da escola”.

Segundo Pérez Gómez (2001) e Lima (2002), na escola, ainda existe o domínio da disciplina formal, o autoritarismo, a imposição de uma cultura homogênea, rituais, burocracias, aprendizagem sem sentido, conhecimentos fragmentados, memorização e trabalho desvinculado da realidade. A escola como instituição social possui características próprias que condicionam e pressionam o

comportamento de todos envolvidos na rotina escolar. Pérez Gómez (2001, p. 150) cita os seguintes elementos:

[...] a organização comportamental dos estudantes, sua agrupação, a hierarquia escolar, a avaliação dos docentes, o currículo, os ritos e os costumes da vida social na escola, as habilidades dos agentes envolvidos as expectativas da comunidade social, as relações entre os docentes, as relações professor-estudante.

Existem muitos fatores que determinam e mantêm a cultura escolar, mas a que exerce maior predomínio é a cultura dos professores, visto que desempenham suas funções de educador, principalmente na sala de aula. Como gestores de suas salas, têm autonomia para escolher a melhor forma de conduzir seus trabalhos. O enunciado da professora Lírio mostra este entendimento:

LÍRIO: - [...] eu tenho que me basear por alguma pessoa, por alguma experiência. Essas experiências que já existiram, de pessoas já gabaritadas, fundamentadas, é que vão me orientar, embora eu deva dizer também que eu posso construir a minha própria prática, a minha própria forma de ensinar baseada naquela, né? Isso não quer dizer que eu veja um exemplo, eu sei que é por ali, mas que eu possa perceber que meu aluno de certa forma está indo por aqui, então eu vou guiar eles por aqui, que eu possa construir a minha prática baseada em outra.

A cultura do professor deve ser representada por seus comportamentos, crenças, conhecimentos, valores, concepções e práticas, pois, segundo Lima (2002, p.20), “[...] fazer e agir é culturalmente tão significativo como sentir ou pensar”. Neste sentido, a cultura dos docentes pode ser definida como: “[...] o conjunto de crenças, valores, hábitos e normas dominantes que determinam o que este grupo social considera valioso em seu contexto profissional, assim como os modos politicamente corretos de pensar, atuar e se relacionar entre si” (PÉREZ GÓMEZ, 2001, p. 164).

O autor esclarece que a cultura docente constitui a forma principal da cultura escolar, sendo especificada nos métodos utilizados na classe, na definição dos papéis, nas relações interpessoais, na forma de gestão, nos processos de tomada de decisão. É conservadora, possui maior destaque quanto à autonomia, independência e segurança profissional dos docentes, é também estrita. Os professores, ao assumir a cultura docente, os valores e as formas de atuar, sentem-se mais protegidos pela força e pelas rotinas do grupo de colegas, pelos sinais de identidade da profissão.

Os professores têm poucas oportunidades de interagir entre si, visto que as normas organizacionais que atuam nas escolas não contemplam tempo para que eles possam refletir, discutir e trocar experiências com os colegas. Desta forma, o local de trabalho dos professores parece conduzir as interações entre os colegas para ocasiões fora da jornada de trabalho. As partícipes do estudo sentem necessidade de maior espaço de tempo na escola para discussão e troca de idéias entre o corpo docente. É o que afirmam as colaboradoras Girassol e Orquídea:

GIRASSOL: - Nós trabalhamos com projeto, geralmente nós fazemos um levantamento, uma pesquisa com o corpo discente, o que gostariam de trabalhar, qual é o projeto que eles têm em mente? E nós, o corpo docente, nos sentamos e fazemos uma reflexão sobre o projeto que será abordado, quais as formas de trabalho, como inserir determinados conteúdos e aí trocamos várias idéias, só que o tempo é curto, é sempre curto, fica sempre aquela vontade da gente se encontrar mais, só que o tempo é muito corrido, é aquela velha história ninguém tem quase tempo, e só uma vez no mês deixa muito a desejar.

ORQUÍDEA: - Tem pessoas que acham que se a gente tirar uma hora para fazer essa reflexão, vamos prejudicar o aluno, porque ele vai sair da sala, não vai ficar sem aula. Às vezes a gente quer fazer esse momento, mas somos barrados.

Na compreensão de Lima (2002, p.35), “[...] a porção do tempo que os professores desprendem em interação face a face uns com os outros é extremamente diminuta”. Vejamos o que dizem as colaboradoras sobre a falta de tempo para a discussão dos problemas comuns enfrentados na prática.

LÍRIO: - [...] a questão é você trabalhar colaborativamente. Eu acho que é assim: Comigo essa experiência deu certo. Você diz:

- Comigo não deu certo, mas será que se eu fizer do jeito que você fez não dá certo? De repente um problema que você está enfrentando na sua sala de aula, eu já tenha enfrentado, aí eu já posso lhe auxiliar, lhe ajudar. É preciso ter esse momento de discussão na escola. Por isso que ele é muito importante, muito valioso.

ROSA: - Eu acho que é isso que a Lírio falou, muito importante esse momento, essa união, essa discussão sobre as dificuldades que aparecem e que se você já enfrentou, pode ajudar a colega. Ah! Já passei por isso, então acho melhor você fazer isso. Sempre uma dica é importante, uma ajuda do outro sempre é válida e só ajuda a crescer.

LÍRIO: - É mesmo, quando não se tem solução, mas várias cabeças pensando é mais fácil de encontrar a solução.

Muitas vezes, para evitar problemas e conflitos com seus pares, com a administração da escola e com a família de seus alunos, os professores preferem reproduzir modelos, papéis, métodos e estilos habituais. Por essa razão,

[...] a cultura docente é um fator importante a ser considerado em todo projeto de inovação, pois a mudança e a melhoria da prática não requerem apenas a compreensão intelectual dos agentes envolvidos, mas, fundamentalmente, sua vontade decidida de transformar as condições que constituem a cultura herdada (PÉREZ GÓMEZ, 2001, p.165).

Embora estejam constantemente ocorrendo reformas nas estruturas escolares, as condições de trabalho em sala de aula pouco se alteraram. Qualquer reforma proposta pelos órgãos responsáveis pela educação, não atinge êxito se não contar com o envolvimento dos professores, uma vez que se eles não se envolverem, apenas teremos mudanças superficiais na prática pedagógica. Portanto, em frente a uma proposta de mudança, a visão de quem pensa a reforma é muito diferente da visão daquele que deverá colocá-la em prática.

Para que o professor assuma a responsabilidade de oferecer um ensino de qualidade, é necessário que tenha autonomia para atuar na sala de aula, pois, nas palavras de Falsarella (2004, p.133), na atual sociedade: “[...] os professores e as escolas são objetos de intensa normalização, normas estas que são por definição, impessoais”.

Os professores reagem com cautela e com muita expectativa às propostas de alteração de sua prática, visto que o novo não substitui simplesmente toda uma cultura enraizada no decorrer de sua ação, pelo contrário, vai se infiltrando na já existente, sendo testada aos poucos, confrontada e avaliada. A esse respeito, Falsarella (2004, p. 180) esclarece que o educador procura ajustar as inovações “[...] vasculha seus próprios conhecimentos em busca de ganchos, de referenciais teóricos e práticos que lhe permitam interpretar a nova proposta, aderir, descartar ou camuflá-la”. Neste sentido, as professoras demonstraram preocupação de buscar a superação da cultura da prática desvinculada da teoria que acontece nas instituições de formação do profissional da educação. Com relação a este aspecto, as partícipes expuseram os seguintes pontos de vistas:

VIOLETA: - Eu vejo assim, quando há o conflito entre a prática e a teoria, sentimos vontade de buscar mais, porque você estudar, ler, participar de congressos e de estudos, tem uma nova roupagem nos seus pensamentos, mediante a ação pedagógica.

ORQUÍDEA: - [...] só vai haver a junção da teoria e prática quando o aluno começar a se questionar, porque o professor pode até fazer isso no dia-a-dia, mas tem que passar essa postura para o aluno.

As mudanças não ocorrem na escola ao mesmo tempo e de forma linear, visto que a inovação é muitas vezes atropelada pelo tradicional. Em algumas situações, o professor é apanhado pela rotina. Como elas se repetem, ano após ano, no exercício da profissão, ele vale-se de respostas estereotipadas para lidar com elas, o que Perrenoud (1993) denomina de “[...] reprodução da tradição coletiva”.

A cultura docente exerce grande influência na qualidade do processo ensino aprendizagem, uma vez que é determinante da forma de interação entre colegas, bem como do sentido e da qualidade da relação interpessoal entre os alunos. Diante da situação, não é fácil para o professor substituir práticas realizadas diariamente e que já foram incorporadas ao longo do tempo. A incorporação da inovação exige tempo, dedicação e esforço, o que não é simples para o professor, devido à sua sobrecarga de trabalho. Assim, segundo Falsarella (2004, p. 180), “[...] o professor só incorpora a inovação se a sentir útil na prática e não no campo das idéias abstratas”.

Convém ressaltar que a cultura escolar também é formada pela cultura dos discentes, muitas vezes representada na forma de resistência e oposição em suas diversas e diferentes manifestações. Os alunos, geralmente, compreendem a situação da escola diferentemente dos professores, visto que eles vêm a escola como espaço de socialização e não somente como um espaço de aprendizagem. No entanto, segundo Pérez Gómez (2001, p. 165), “[...] a cultura dos alunos, se mostra dependente da cultura dos docentes, se encontra substancialmente mediada pelos valores e pelas normas que os docentes impõem”.

Neste contexto, a cultura docente prevalece, já que possui maior poder na instituição escolar, principalmente no espaço de sala de aula, uma vez que o comportamento do professor não é determinado pela estrutura escolar e a cultura docente. Assim, “[...] o comportamento do docente reflete, antes de tudo, um delicado e emergente compromisso entre seus valores, interesses e ideologias e a pressão da estrutura escolar”. (PÉREZ GÓMEZ, 2001, p.166).

O ensino é uma atividade complexa, que ocorre em um local singular, determinado pelo contexto, muitas vezes com resultados imprevisíveis e cheio de conflitos, que exige do professor tomadas de decisão imediatas e inesperadas, assim,

segundo Pérez Gómez (2001, p.18): “[...] deve-se conceber o docente como um artista, clínico e intelectual, que tem que desenvolver sua sabedoria experiencial e sua criatividade para enfrentar as situações únicas, ambíguas, incertas e conflitantes que configuram a sala de aula”.

O professor constrói seu conhecimento profissional refletindo na prática, sendo este legitimado no processo de construção e reconstrução da prática educativa, realizada de forma reflexiva e democrática. Assim, de acordo com Pérez Gómez (2001, p. 191), “[...] deste enfoque de reflexão em e sobre a ação, de investigação-ação, o conhecimento, ao incluir e ao gerar uma forma pessoal de entender a situação prática, transforma a prática”.

As partícipes, Lírio e Orquídea posicionaram-se quanto à importância da reflexão na ação para melhorar da prática.

LÍRIO: - Que faça você de repente repensar o que estava fazendo no sentido de dizer assim: Ah! Eu acho que ainda posso melhorar em determinado aspecto ou de repente ter uma outra visão que até anteriormente não tinha e com aquele confronto, naquele momento da discussão, levantar uma questão que de repente nem tinha pensado.

ORQUÍDEA: - E através de nossas ações, a reflexão aconteça, para que possamos ter uma nova ação, para que se possa mudar, é claro para melhor.

O conhecimento profissional do professor é um conhecimento especializado, mas como o docente muitas vezes tem que agir na incerteza, já que a todo momento surgem situações novas na sala de aula, ele é sempre provisório, parcial, emergente. Assim:

[...] uma das chaves fundamentais no desenvolvimento profissional do docente será a formação, a utilização e a reconstrução permanente de seu pensamento prático reflexivo, como garantia de atuação relativamente autônoma e adequada às exigências de cada situação pedagógica (PÉREZ GÓMEZ, 2001, p.192).

O conhecimento é a ciência da prática, e a prática é dinâmica e está em constante transformação. Assim, os conhecimentos pedagógicos também estão constantemente se transformando. Aprendemos que o ato de conhecer é contínuo e nos acompanha durante toda vida. O conhecimento é adquirido por meio de um processo contínuo de construção e transformação da realidade. Neste sentido, afirmamos que o conhecimento é processual e busca sempre o fundamento das coisas e dos fatos.



A ação docente deve ser uma atividade transformadora, onde a teoria e prática devem ser trabalhadas de forma vinculada. Neste processo os professores constroem seu conhecimento a partir da análise crítica de sua prática e da ressignificação da teoria, partindo dos conhecimentos a partir da prática (PIMENTA, 2002, p. 83).

A dicotomia existente entre a teoria e a prática, entre o aprender e o fazer, impede a vivência da cultura crítica na escola. Essa dicotomia, segundo o grupo de colaboradoras desta pesquisa, precisa ser urgentemente superada. Precisamos acabar com a cultura onde existem os pensadores (teóricos) e os aplicadores (práticos).

Com este estudo esperamos ter contribuído para que as professoras colaboradoras da investigação realizada possam permanecer discutindo e analisando coletivamente as dificuldades e os avanços da prática, ou seja, socializando experiências que façam avançar a cultura da reflexão e da colaboração na escola, bem como contribua para o desenvolvimento profissional deste grupo ( e nesse contexto também nos incluímos) e de outros grupos de professores que trabalham na educação, elevando a qualidade da educação local, regional e nacional.

## **REFERÊNCIAS**

FALSARELLA, A. M. **Formação continuada e prática de sala de aula:** os efeitos da formação continuada na atuação do professor. São Paulo: Autores Associados, 2004.

GADOTTI, M. **Perspectivas Atuais da Educação.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

LIMA, J. A. de. **As Culturas Colaborativas nas Escolas:** estruturas, processos e conteúdos. Porto, Portugal: Porto Editora, 2002.

OLIVEIRA, L. C. V. Cultura Escolar: revisando conceitos. **Revista Brasileira de Políticas e Administração da Educação.** Piracicaba, v.19, nº 12, p. 291-303. Jul/Dez, 2003.

PÉREZ GÓMEZ, A. I. **A Cultura Escolar na Sociedade Neoliberal.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

PERRENOUD, P. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação:** perspectivas sociológicas. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

PIMENTA, S. G. **O Estágio na formação de professores:** unidade teoria e prática? São Paulo: Cortez, 2002.